



Vol. 4 - Nº 7 - Jan./jun. 2009

p. 113-131

ENSINAR CIÊNCIA OU HUMANIDADES, SEGUNDO AUGUSTO COMTE

Sérgio Tiski¹ - UEL

Resumo: A questão geral neste trabalho é se, segundo Comte, devemos ensinar humanidades e ou ciência. É relevante porque colhe a posição de um autor significativo sobre essa problemática. O objetivo é esclarecer se Comte propõe o ensino das ciências ou das humanidades; e assim contribuir para um melhor conhecimento da filosofia da educação comtiana. Desconhecemos bibliografia específica a respeito. Como comumente se pensa que Comte recomenda sobretudo o ensino das ciências, procuramos transcrever o mais possível os próprios textos dele e de um discípulo ortodoxo, com o mínimo possível de comentários da nossa parte, para não correr o risco do descrédito. Recolhemos, indutivamente, em vista de chegar à síntese (sinteticamente), todas as referências comtianas que julgamos relevantes a respeito da questão; apontamos, dedutivamente (posicionando-nos, portanto, analiticamente), o seu posicionamento indireto; e fazemos a síntese, que é a “descrição” do seu posicionamento. Concluímos que Comte propôs o ensino das humanidades e das ciências, o ensino destas enquadrado no ensino daquelas que, por sua vez, foram tornadas científicas, ou melhor, positivas.

Palavras-Chave: Comte; Filosofia; Educação; Ensino; Ciência; Humanidades.

TEACH SCIENCE OR HUMANITIES ACCORDING TO AUGUSTO COMTE

Abstract: The general question of this work is whether, according to Comte, we should teach humanities or science. The question is relevant since it shows the position of a significant author on the issue. The objective is to explain whether Comte proposes the teaching of humanities or science, thus contributing to a better understanding of comtean educational philosophy. Specific bibliography on the subject is unknown. As it is generally believed that Comte recommends the teaching of science, we tried to transcribe, as much as possible, his own texts and those of one of his orthodox disciple, with few comments from my part to avoid running the risk of being discredited. We collected, inductively, to reach a synthesis (synthetically), all comtean references that we deemed relevant to the question; we appointed, deductively (thus taking an analytical stand), his indirect position; and came to the synthesis, which is the “description” of his position. We concluded that Comte proposed the teaching of humanities and sciences; the teaching of these framed within the teaching of those, which, consequently, became scientific, or, better yet, positive.

Keywords: Comte; Philosophy; Education; Teaching; Science; Humanities.

1. INTRODUÇÃO

Transcrevemos literalmente e longamente (porque se trata de textos inacessíveis para a maioria e para não correr o risco do descrédito) e comentamos sumariamente (porque se trata apenas de um artigo), neste trabalho, alguns trechos de Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (cientista e filósofo francês, fundador da sociologia em termos de ciência e criador do próprio termo “sociologia”, proponente de uma moral em termos de ciência, fundador do positivismo ou filosofia positiva, fundador da religião da humanidade: Montpellier, 19/1/1798 – Paris, 5/9/1857), que esclarecem o seu posicionamento a respeito da polêmica entre ensinar ciência ou humanidades. Para uma iniciação pode-se ver o nosso texto *Introdução à vida, obras e pensamento de Comte* (podemos enviar cópia digital aos interessados).

Desconhecemos bibliografia a respeito dessa questão específica em Comte. O nosso objetivo é esclarecer se Comte propõe o ensino das ciências ou das humanidades; e assim contribuir para um melhor conhecimento da filosofia da educação comtiana.

2. ENSINAR CIÊNCIA OU HUMANIDADES, SEGUNDO COMTE

Existem, nos escritos de Comte, sobre a questão de ensinar ciência ou humanidades, duas posições: o ensino da ciência substituindo ou complementando fartamente o ensino das humanidades (quando essas são teológico-metafísicas ou metafísico-teológicas) e o ensino da ciência enquadrado no ensino das humanidades (quando essas já são positivistas).

A primeira e mais conhecida posição comtiana é a que reivindica ou propõe o ensino de ou das ciências substituindo ou no mínimo complementando abundantemente o ensino das humanidades. Primeiramente, em setembro e outubro de 1817, escrevendo em nome de Saint-Simon, no 3º volume da Revista A Indústria, de Saint-Simon, Comte se refere a cinco ciências fundamentais:

Nós devemos fazer as novas idéias morais; mas devemos fazer as novas instituições morais? É evidente que não, pela simples razão de que é preciso esperar que as idéias estejam feitas para cuidar da organização delas. Assim, seria loucura querer suprimir hoje as instituições morais que ainda subsistem, isto é, as instituições religiosas. Isso foi tentado na nossa revolução, mas o que se conseguiu? Que essas instituições se reconstituíram, e que depois de muitos males, voltou-se ao ponto de partida. Acontece com o sacerdócio exatamente como com a realeza: ainda é impossível aniquilá-lo; é uma obra destinada aos nossos descendentes, e que se cumprirá tranquilamente, por si mesma, se formos suficientemente sábios para nos conformar com a marcha do espírito humano e para não querer saltar uma geração. Mas o sacerdócio, como a realeza, pode ser melhorado, se não

pode ser suprimido; podemos ajudar a transição nas instituições morais, como nas instituições políticas, se não podemos tratá-la de modo brusco. É impossível substituir repentinamente o ensinamento teológico da moral pelo ensinamento industrial; mas é muito possível facilitar a passagem de um ao outro. Como isso pode ser feito? Por qual meio, sem suprimir o sacerdócio, pode-se fazer com que ele ensine a moral a partir de princípios mais positivos? Eis o meio: obter de nosso parlamento uma lei, em virtude da qual: 'Ninguém poderá ser ordenado padre se não provar, por um exame prévio, que sabe dos principais conhecimentos adquiridos nas ciências positivas, isto é, que possui o elementar das matemáticas puras e aplicadas, da física, da química e da fisiologia.'. Faça-se com que tal disposição seja adotada, e, desde então, as instruções sacerdotais tomarão, forçosamente, um caráter positivo; o padre deixará proximamente de ser teólogo, para tornar-se quase filósofo. Ora, esse meio é muito praticável; não faz a menor violência às instituições religiosas, não deve experimentar, da parte delas, nenhuma oposição. Limita-se a demandar que os padres atuais estejam no nível de seu século, como estavam os seus confrades da idade média. Pode-se rezear que o clero queira se obstinar em não ter por membros senão idiotas? Que a opinião pública se pronuncie a favor do meio transitório que acabamos de propor, e logo o parlamento fará dele uma obrigação à qual os padres não se recusarão. ²

Trata-se, como se pode inferir, da matemática, da astronomia, da física, da química e da biologia, complementando o estudo de moral, filosofia, teologia. E se trata, como se pode ver, de chegar, segundo Comte, ao nível mais avançado ao qual já se chegou no século.

Se nesse tempo, 1817, Comte já usa a expressão "ciência social" ³, apesar disso, só a partir de 1822/24, nos seus escritos, começou o movimento que culminou na distinção da física social ou sociologia como 6ª ciência fundamental. Nesse sentido, em 1822/24 aparece a expressão "fenômenos políticos":

[...] as considerações pelas quais [...] mostraram a impossibilidade radical de fazer qualquer aplicação real e importante da análise matemática aos fenômenos dos corpos organizados, aplicam-se, de uma maneira direta e especial, aos fenômenos morais e políticos, que não são senão um caso particular dos primeiros [...] para os fenômenos morais e políticos da espécie humana, que formam a classe mais complicada dos fenômenos fisiológicos. ⁴

E a expressão "fenômenos coletivos", que junta os fenômenos sociais e os fenômenos políticos:

Nenhum motivo real pode levar a isolar, no estudo do indivíduo, os fenômenos especialmente chamados morais, dos outros fenômenos. A revolução que os ligou deve ser vista como o passo mais essencial que a fisiologia fez até hoje sob o aspecto filosófico. Pelo contrário, considerações de primeira ordem de importância demonstram a absoluta necessidade de separar o estudo dos fenômenos coletivos da espécie humana, daquele dos fenômenos individuais, estabelecendo, de resto, entre essas duas grandes seções da fisiologia total, sua relação natural. (*ib.*, p. 129).

Note-se, nesse trecho, que nessa época (e até dezembro de 1850 ou janeiro de 1851) os fenômenos morais, juntamente com os demais fenômenos individuais, devem fazer parte da biologia e ser estudados nela. Comte fala positivamente da inclusão dos fenômenos morais na biologia pelo fato dessa “revolução” os subtrair do pertencimento à metafísica e à teologia. Mais tarde eles sairão do âmbito biológico e do âmbito biológico-sociológico para se tornar objeto, juntamente com o sentimento, da moral como 7^a ciência positiva fundamental. Enfim, em 1825 já há a expressão “física social”:

Assim, já possuímos uma física celeste, uma física terrestre, seja mecânica, seja química, uma física vegetal e uma física animal: falta-nos ainda uma última, a física social, a fim de que o sistema dos nossos conhecimentos naturais esteja completo. Uma vez cumprida essa condição, podemos, por um resumo geral de todas as nossas diversas noções, construir, enfim, uma verdadeira filosofia positiva [...] ⁵

A partir de 1826 o *Curso* começou a ser exposto oralmente, e, de 1830, por escrito. O trecho acima como que reaparece na sua 1^a lição:

Eis a grande mas, evidentemente, única lacuna que se trata de preencher para acabar de constituir a filosofia positiva. Agora que o espírito humano já fundou a física celeste, a física terrestre, quer mecânica, quer química; a física orgânica, seja vegetal, seja animal, resta-lhe, para terminar o sistema das ciências de observação, fundar a *física social*. Tal é hoje, sob vários aspectos capitais, a maior e mais urgente necessidade de nossa inteligência: Tal é, ousado dizer, o primeiro objetivo deste curso, seu objetivo especial. ⁶

Trata-se, portanto, de seis ciências fundamentais, mas já resumidas e ou transformadas na filosofia positiva:

Uma segunda conseqüência, não menos importante e de um interesse muito mais urgente, que o estabelecimento da filosofia positiva, definida neste discurso, é necessariamente destinado a produzir, hoje, é [ela] presidir a reforma geral de nosso sistema de educação.

Com efeito, os bons espíritos já reconhecem unanimemente a necessidade de substituir nossa educação européia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação *positiva*, conforme ao espírito de nossa época e adaptada às necessidades da civilização moderna. As tentativas variadas que se multiplicaram progressivamente desde há um século, particularmente nestes últimos tempos, para propagar e aumentar incessantemente a instrução positiva, e às quais os diversos governos europeus sempre se associaram com empenho, quando eles próprios não tomaram a iniciativa, testemunham suficientemente que, em todas as partes, desenvolve-se o sentimento espontâneo dessa necessidade. Mas, mesmo secundando tanto quanto possível, esses úteis empreendimentos, não se deve dissimular que, no estado presente de nossas idéias, eles não são de modo

algum suscetíveis de atingir seu fim principal, a saber, a regeneração fundamental da educação geral. Pois a especialidade exclusiva, o isolamento demasiadamente pronunciado que caracterizam ainda nossa maneira de conceber e de cultivar as ciências influenciam necessariamente, em alto grau, a maneira de expô-las no ensino. Que um bom espírito queira hoje estudar as principais partes da filosofia natural, a fim de formar-se um sistema geral de idéias positivas, será ele obrigado a estudar separadamente cada uma delas, seguindo o mesmo modo e o mesmo pormenor como se pretendesse vir a ser especialmente astrônomo ou químico, etc; o que torna tal educação quase impossível e necessariamente muito imperfeita, até mesmo para as mais altas inteligências, situadas nas mais favoráveis circunstâncias. Tal maneira de proceder seria, portanto, totalmente quimérica quanto à educação geral. E, todavia, essa última exige absolutamente um conjunto de concepções positivas sobre todas as grandes classes de fenômenos naturais. É tal conjunto que deve se tornar, doravante, em escala mais ou menos extensa, mesmo entre as classes populares, a base permanente de todas as combinações humanas; base que, em uma palavra, deve constituir o espírito geral de nossos descendentes. Para que a filosofia natural possa acabar a regeneração, já tão preparada, de nosso sistema intelectual, é, pois, indispensável que as diferentes ciências de que ele se compõe, apresentadas para todas as inteligências como diversos ramos dum tronco único, sejam reduzidas inicialmente ao que constitui seu espírito, isto é, aos seus métodos principais e aos seus resultados mais importantes. Somente assim o ensino das ciências pode se tornar, para nós, a base de uma nova educação geral verdadeiramente racional. Que a essa instrução fundamental se acrescentem em seguida os diversos estudos científicos especiais, que devem suceder à educação geral, isso não pode evidentemente ser posto em dúvida. Mas a consideração essencial que quis indicar aqui consiste em que todas essas especialidades, mesmo acumuladas penosamente, seriam necessariamente insuficientes para renovar realmente o sistema de nossa educação, se não repousassem sobre a base prévia desse ensino geral, resultado direto da filosofia positiva definida neste discurso. (*Ib.*, p. 35-36).

Note-se, nesse trecho, o alinhamento, o agrupamento, a “familiaridade” entre teologia, metafísica e literatura, tratadas como características essenciais da educação vigente, isto é, européia, à qual Comte contrapõe a educação ou instrução positiva reivindicada ou proposta.

Note-se também, o germe já da segunda posição comtiana: a crítica à especialização e a sua superação pela visão de conjunto. Antes de ensinar as ciências se deve ensinar a filosofia da(s) ciência(s), ou seja, o seu espírito, isto é, seus métodos principais e seus mais importantes resultados. Trata-se do germe do retorno das humanidades, uma nova literatura, isto é, a filosofia positiva, resumindo e englobando as ciências. Mais tarde as ciências, assim como a filosofia e tudo o mais, serão incorporadas na religião: “Mas a incorporação da ciência na religião, fazendo a cultura enciclopédica prevalecer sempre, dissipa radicalmente os conflitos que podiam ter gravidade somente no regime dispersivo.” (*Sistema IV*, p. 206).

Desde dezembro de 1850 e janeiro de 1851 a classificação das ciências

fundamentais conta com uma 7ª ciência, a moral ⁷, que será subdividida, por sua vez, em 1854, em moral teórica ou moral propriamente dita e moral prática ou educação.

Esse acréscimo de uma nova ciência foi precedido pela criação da religião, segundo Comte, científica ou positiva, em 1848, a Religião da Humanidade, e pela conversão sentimental ou moral de 1844-1846, oportunizada pelo seu relacionamento de amor com Clotilde de Vaux. Tal conversão sentimental ou moral é, certamente, o ponto mais difícil, mais esquinado, se podemos usar essa metáfora, da inflexão no sentido de Comte passar a enquadrar as ciências nas humanidades.

Essa última, a conversão sentimental ou moral, foi antecedida por uma aproximação de Comte em relação às artes, a partir de 1838-1840. Henri Gouhier transcreve a expressão “‘revolução estética’”:

Contudo uma voz o tira para fora de seu local de trabalho. A Senhora Augusto Comte se atribuiu o mérito da primeira saída: para distraí-lo do trabalho, teria obtido que ele aceitasse um ingresso para a Ópera italiana. Ele foi, entusiasmado; e retornou, pois a partir de 1840 conseguiu um ingresso permanente. (...). Mas o fundador do positivismo não pode gozar nenhuma diversão verdadeira: o seu sistema não deixa escapar nenhuma hora de sua vida; a ‘revolução estética’ o põe em comunhão mais íntima com o espírito da Humanidade. As belas-arts têm uma história que segue o ritmo da civilização. A alma tem necessidade de viver acima dela mesma; com suas verdades, ela cria figuras ideais nas quais resplandecem as perfeições que ela ama. Cada idade tem as suas verdades: com as idéias novas, o positivismo promete um ideal novo; ele regenera a estética segundo a ciência e o regime social. A arte, ‘que sempre vê ou procura o homem’, encontra-o, enfim; após haver cantado sobre os deuses e sobre a natureza, vai cantar sobre o homem libertado dos deuses e dos mestres da natureza. ⁸

Retornando ainda mais na busca de antecedentes da conversão sentimental, no próprio *Curso* e nas próprias Considerações sobre o poder espiritual, de 1826, Comte já escrevera que os sentimentos são preponderantes no homem, e não a inteligência. Vejamos essas duas passagens. A do *Curso* é da última lição de biologia dele:

O *espírito* [isto é, a inteligência] tornou-se a preocupação quase exclusiva de suas [isto é, dos metafísicos] especulações, e as diversas faculdades afetivas foram quase que inteiramente negligenciadas, e sempre subordinadas, aliás, à inteligência. Ora, tal concepção representa precisamente o inverso da realidade, não somente para os animais, mas também para o homem. Pois a experiência diária mostra, ao contrário, da maneira menos equívoca, que as afeições, as inclinações, as paixões (...), constituem os principais móveis da vida humana; e que, ao invés de resultar da inteligência, sua impulsão espontânea e independente é indispensável ao primeiro despertar e ao desenvolvimento contínuo das diversas faculdades intelectuais, indicando-lhes uma finalidade permanente, sem a qual, além da indecisão necessária de sua direção geral, elas permaneceriam essencialmente

entorpecidas na maior parte dos homens. E não é menos certo que as inclinações menos nobres, as mais animais, são normalmente as mais enérgicas, e, por consequência, as mais influentes. O conjunto da natureza humana é, portanto, muito infielmente retratado por esses vãos sistemas [metafísicos], (...). É assim que o homem tem sido representado, contra a evidência, como um ser essencialmente raciocinador, executando continuamente, sem saber, uma multidão de cálculos imperceptíveis, sem quase nenhuma espontaneidade de ação, mesmo desde a mais tenra infância.⁹

Na segunda passagem, das Considerações sobre o poder espiritual, Comte está falando justamente da necessidade e da possibilidade de controlar, através da direção espiritual, da força moral, a força das tendências egocêntricas, naturalmente preponderante no ser humano:

Essa necessidade de uma direção espiritual se mostra, não menos claramente, se, cessando de considerar o homem somente como inteligente, olhamo-lo também sob o aspecto moral. Pois, mesmo admitindo que cada indivíduo ou cada corporação possa se formar, somente por suas próprias faculdades, o plano de conduta mais conveniente, seja ao seu próprio bem-estar, seja à boa harmonia do conjunto, permanecerá certo que essa doutrina, devendo se encontrar freqüentemente em oposição, a um grau qualquer, com os impulsos mais enérgicos da natureza humana, não exercerá, por ela mesma, quase nenhuma influência sobre a vida real. Ela tem necessidade, portanto, de ser vivificada, por assim dizer, por uma força moral regularmente organizada, que, lembrando-a sem cessar a cada um, em nome de todos, imprime-lhe toda a energia resultante dessa adesão universal, e é a única capaz de superar, ou, mesmo, de contrabalançar suficientemente a força das inclinações anti-sociais, naturalmente preponderante na constituição do homem.¹⁰

Depois desse retorno temporal até 1817, voltemos a focalizar 1844-1846. Comte tinha sido principalmente empirista – racionalista (iluminista) e praticista (ciência – técnica – indústria) e a partir da conversão sentimental passa a acentuar o lado afetivo (Romantismo), isto é, retoma e acentua essa hegemonia do(s) sentimento(s) no homem, tanto individual quanto coletivamente¹¹. Como afirma João Cruz Costa, concordando com Brunschvicg: “... Comte – ‘o orquestrador de duas teses contraditórias: a da análise positiva e a da síntese romântica’, no dizer de Léon Brunschvicg – ...” (*A. Comte e as origens do positivismo;...*, p. XI-XII). E na p. XVII: “Comte é, pois, como bem viu Brunschvicg, o orquestrador do romântico e do positivo”.

Essa inflexão sentimental ou moral (a partir de 1844-1846), assim como o surgimento da religião comtiana (a partir de 1848), que tem a moral como seu “domínio essencial” (*Catecismo positivista*, p. 203-204), que, por sua vez, domina todas as partes da religião (*Ibidem*, p. 71), e a afirmação da moral como 7ª ciência (a partir de 12/1850 e 1/1851), repetimos, toda essa inflexão acabou enquadrando o ensino da(s) ciência(s), a educação científica na educação geral, que contempla

muitíssimo mais do que as sete ciências positivas fundamentais.

A própria Biblioteca proposta por Comte mostra o enquadramento, a inclusão do estudo científico na educação geral: dos 150 volumes recomendados, os primeiros 30 são listados sob o título “Poesia”, os próximos são 30 de “Ciência”, os seguintes são 60 de “História” e, enfim, por último, 30 de “Filosofia, Moral e Religião” (conforme a publicação de 4/9/1852) ou “Síntese” (segundo a publicação de 18/7/1854)¹².

A educação completa, total, deve ser feita desde a concepção, quando se está ainda na barriga da mãe, até a morte. Até aos 7 anos a educação deve ser principalmente afetiva; dos 7 aos 14 anos deve haver principalmente a educação estética. A educação científica estrita será apenas dos 14 aos 21 anos, ministrada na escola anexa ao templo da religião da humanidade, pelo sacerdote, e começará com três semanas de filosofia primeira, no próprio templo, para só a seguir começarem as aulas de matemática, primeira das ciências. Luis Lagarrigue resume do seguinte modo esse início da educação teórica:

Tendo recebido o Sacramento da Iniciação, os adolescentes são incorporados na Escola Enciclopédica, anexa ao Templo do Grande Ser, para caracterizar que o ensino do Dogma, constituído pelas sete ciências: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia e Moral, está destinado a ligar o Culto privado ao Culto público, ou seja, o Domicílio da Família ao Templo da Humanidade. No início dos estudos científicos se aborda a Filosofia Primeira, constituída pelas quinze leis universais, comuns a todas as ordens de fenômenos materiais, vitais, sociais e morais, cujo estudo se efetua em aulas diárias, durante as três semanas que precedem a abertura das aulas na Escola Enciclopédica. As aulas de Filosofia Primeira acontecem no Templo da Humanidade, iniciadas pelo Superior do Colégio Sacerdotal, com a sessão de abertura, e proferidas pelo sacerdote que deve conduzir os adolescentes através das sete ciências, em cursos separados para as Mulheres e para os homens. Ao primeiro ano da educação da adolescência correspondem as oitenta aulas que abarcam o estudo filosófico e científico do cálculo aritmético, do cálculo algébrico, da geometria preliminar, da geometria algébrica e da geometria diferencial.¹³

O ensino anual de cada uma das ciências positivas fundamentais, na escola anexa ao templo, será precedido por uma “introdução religiosa” e seguido por uma “conclusão sintética”:

Mas o segundo volume da enciclopédia abstrata [isto é, o de astronomia] deve, como o precedente e os seguintes, começar por uma introdução religiosa e se resumir em uma conclusão sintética. A primeira é destinada a caracterizar a constituição geral da ciência correspondente e sua relação normal com a precedente. Na segunda se aprecia seus principais resultados e sua aptidão para preparar a fase seguinte da elaboração enciclopédica. Ora, é somente em relação a esse preâmbulo e a esse resumo, diversamente relativos ao conjunto correspondente,

que o tomo astronômico da filosofia segunda pode comportar aqui observações complementares. (*Sistema IV*, p. 209-210).

Dos 21 aos 28 anos se dá a educação prática. Dos 28 aos 42, a educação doméstica. Dos 42 aos 63, a educação cívica. Dos 63 em diante, a educação religiosa. Vejamos os nomes das sete fases em outro trecho de Luis Lagarrigue:

Durante o resto da vida, a Mãe deve presidir de forma objetiva ou subjetiva a educação afetiva da primeira infância, estética da segunda infância, teórica da adolescência, prática da juventude das filhas e dos filhos, aos quais segue amparando na educação doméstica da virilidade, na educação cívica da madurez e na educação religiosa da velhice. (... *Moral Práctica...*, p. 42).

Para detalhar um pouco mais essas fases, vejamos a seguir o trecho final da Introdução da *Moral Práctica*, de Luis Lagarrigue, no qual ele expõe o PROGRAMA da obra e, que é, ao mesmo tempo, o programa educacional que ele julgou ser o que Comte proporia:

III. PROGRAMA.

A Educação da natureza humana se inicia, de fato, na concepção do novo ser, que recebe as influências do mundo objetivo e do mundo subjetivo através da Mãe. O programa da Educação deve incluir esse período indireto, que termina com o nascimento, depois do qual o novo ser pode receber, de forma direta, a influência dos meios educativos.

Graduar a natureza e a intensidade dos meios educativos em relação às diversas fases da vida é o propósito da Moral Prática, que subdivide a existência humana em sete períodos: a Primeira Infância, a Segunda Infância, a Adolescência, a Juventude, a Idade Viril, a Idade Madura e a Velhice.

Iniciada pela concepção, a Primeira Infância termina aos sete anos com a segunda dentição e se desenvolve sob a influência religiosa do Sacramento da Apresentação.

Institui-se em seguida a educação da Segunda Infância, que termina aos quatorze anos com a puberdade e conduz ao Sacramento da Iniciação.

A Adolescência termina aos vinte e um anos e se desenvolve entre os Sacramentos da Iniciação e da Admissão, uma vez terminado o Ensino Enciclopédico.

A partir dos vinte e um anos se estabelece a diferença social entre a educação da Mulher, destinada à vida privada, e a do homem, destinado à vida pública.

Ao homem corresponde a educação ativa, própria da Juventude, que termina aos vinte e oito anos e que se desenvolve entre os Sacramentos da Admissão e da Destinação, que habilita socialmente o homem para contrair matrimônio, enquanto que a Mulher pode contrair-lo depois de receber o Sacramento da Admissão.

Uma vez terminada a Juventude, inicia-se a Idade Viril, que termina aos quarenta e dois anos com o Sacramento da Madurez.

Gradualmente crescentes, os períodos da Juventude, da Idade Viril e da Idade

Madura, com sete, quatorze e vinte e um anos de duração, asseguram ao homem um período ativo, que termina aos sessenta e três anos com o Sacramento do Retiro.

Uma completa uniformidade de funções se estabelece então para todos os homens que se convertem, durante a velhice, em auxiliares domésticos da função espiritual do Sacerdócio.

Durante essa série de sete idades, desenvolve-se a Educação do homem, desde a concepção até a morte, enquanto para a Mulher se fundem em uma só as quatro últimas idades, pois, desde a Juventude até a Velhice, ela aumenta sem cessar sua simpatia, sua veneração e sua bondade.

Toda a moral Prática pode assim ser condensada em sete capítulos relativos à Educação de cada uma das idades da vida do homem.

Obter a verdadeira felicidade é, no fundo, o objeto da Educação, que incorpora cada vez mais a natureza humana ao Grande Ser e identifica o homem com a Mulher: Mãe, Esposa, Filha, Irmã, e através dela com o ideal supremo da Virgem Mãe.

Dedicado o primeiro capítulo da Moral Prática à Educação da Primeira Infância, entre a concepção e a segunda dentição, podem se destinar o primeiro terço à educação indireta, através da Mãe, e os dois terços restantes à educação direta, primeiramente física e a seguir moral.

O segundo capítulo, dedicado à Educação da Segunda Infância, destina suas três seções à educação física, à educação moral e à educação estética.

Bem se pode dizer que a Educação das duas infâncias é a base fundamental da educação física do corpo e moral do cérebro [ou alma] e que no resto da vida é difícil modificar essa base.

Essa circunstância confere às Mães uma responsabilidade iniludível e impõe ao Patriciado e ao Sacerdócio a obrigação de velar pelas condições físicas e morais do desenvolvimento das Infâncias.

Reduzida à vida doméstica, a educação das Infâncias exige o auxílio da Pátria e da Humanidade, e assim o Grande Ser [isto é, a Humanidade] contribui, através da Mulher, do Patriciado e do Sacerdócio, à educação do duplo período fundamental da vida.

O Grande Ser é auxiliado, na existência doméstica, pela Animalidade e pela Vegetalidade, que cultivam a bondade e a simpatia, e pela contribuição idealizada do Grande Fetiche, do Fluido e do Céu que inspiram veneração.

Inicia-se também na infância a influência moral do Grande Meio, pela formação gradual das imagens e dos sinais que afetam os sentimentos altruístas¹⁴.

Deve-se destinar o terceiro capítulo da Moral Prática à Educação própria da Adolescência, dos quatorze aos vinte e um anos, entre os Sacramentos da Iniciação e da Admissão.

Igual para a Mulher e para o homem, a Educação da Adolescência está destinada ao conhecimento filosófico e científico das Divindades positivas, com o Ensino Enciclopédico, que eleva os espíritos desde os conceitos matemáticos, através dos astronômicos, físicos, químicos, vitais e sociais, até as concepções da Moral positiva.

Enquanto na educação das duas infâncias predominou a educação física e, em

seguida, a educação moral e intelectual estética, na Adolescência deve predominar a educação moral.

Assim, o terceiro capítulo compreenderá a educação moral, a educação teórica e a educação prática.

Nenhum período da vida está mais exposto aos desvios morais que a Adolescência, na qual se desenvolve o mais perturbador dos instintos egoístas, ao mesmo tempo em que o ensino teórico favorece a expansão das ambições de orgulho e vaidade.

Obter o triunfo do altruísmo sobre esse poderoso desenvolvimento dos egoísmos vitais e sociais constitui o principal objetivo da educação da Adolescência.

Tal triunfo se assegura com o auxílio que o Patriado e o Sacerdócio prestam às Mães na educação da Adolescência, na Oficina de trabalhos manuais e na Escola. A educação moral deve prevalecer em todos os períodos seguintes da vida, da Juventude à Velhice, tanto para a Mulher quanto para o homem.

As três seções do capítulo quarto, destinado à Educação da Juventude, correspondem à educação moral, à educação intelectual e à educação ativa, relativas principalmente à vida privada, para a Mulher, e à vida pública, para o homem.

Aceitos já como servidores do Grande Ser, a Mulher como seu representante e o homem como seu agente, durante a idade juvenil a Mulher se eleva da condição de filha e de irmã até a de esposa e Mãe, enquanto o homem se prepara para receber o Sacramento da Destinação, que lhe marca sua função intelectual na Humanidade ou ativa na Pátria.

Concentrada na vida doméstica, a Mulher aperfeiçoa, durante o resto de sua vida, seu destino de educadora da natureza humana, de representante da Humanidade na vida privada do homem e de Anjo da Guarda de sua vida pública.

Investido já o homem de sua função social, ao terminar sua juventude, desenvolve sua Idade Viril aspirando a se fazer digno da liberdade e da confiança social, que lhe conferirão com o Sacramento da Madurez.

Destinado à Educação própria da Idade Viril, o quinto capítulo da Moral Prática se subdivide em três seções que abarcam a educação afetiva, a educação intelectual e a educação ativa.

Assim pode o pai de família auxiliar a Mãe na educação afetiva e estética da primeira e da segunda Infância de seus filhos.

À Educação da Idade Madura se refere o sexto capítulo da Moral Prática, cujas três seções correspondem à educação moral, à educação social e à educação religiosa.

Uma plena responsabilidade da conduta privada e pública caracteriza a Idade Madura, desde o Sacramento da Madurez, aos quarenta e dois anos, até o do Retiro, aos sessenta e três anos¹⁵.

O homem maduro renova seus estudos teóricos, para auxiliar a educação enciclopédica da Adolescência de seus filhos, com a colaboração afetiva da Mãe.

O lar do homem maduro constitui assim um verdadeiro laboratório da Opinião Pública, apropriada para apreciar e julgar a conduta dos indivíduos, das famílias e das pátrias.

Obediência na Idade Viril, mando na Idade Madura e conselho na Velhice cons-

tituem a série do progresso individual, que converte cada vez mais a existência material em existência moral.

A Educação própria da Velhice, à qual se destina o sétimo capítulo da Moral Prática, deve compreender a educação objetiva, a educação subjetiva e o resultado religioso.

Assim a anciã e o ancião podem favorecer a educação afetiva da primeira Infância e a educação estética da segunda Infância dos netos e contribuir para a instituição do Culto pessoal deles.

Término normal da existência vital, a Velhice incorpora os homens nas funções da autoridade espiritual do Sacerdócio, como seus representantes domésticos.

Eximidos já das funções ativas, os anciãos exercem funções de juízo e de conselho, no seio da família, e a eles o Sacerdócio recorrerá para atuar em favor do aperfeiçoamento da vida privada.

Obter a incorporação ao Grande Ser há de constituir a aspiração contínua da vida humana, adquirindo vida subjetiva na Família, como modelo de filho, de irmão, de esposo e de pai; na Pátria como funcionário social; e na Humanidade, como personalidade moral.

Quanto à Conclusão da Moral Prática, ela deve resumir a influência da Educação sobre o bem-estar físico, tanto material quanto vital, sobre a harmonia social, seja doméstica, civil ou universal e sobre a felicidade moral da natureza humana.

Iniciada na infância e terminada na velhice, a Educação do corpo e do cérebro [ou alma] não só deve aperfeiçoar suas constituições respectivas, mas também as reações recíprocas entre o físico e o moral do homem.

Condensada a perfeição humana no modelo feminino, no qual culminam os progressos do corpo e do cérebro e a harmonia de suas reações, o homem deve aspirar a se identificar com ela, através de seus Anjos da Guarda: a Mãe, a Esposa, a Filha e a Irmã.

Assim o homem pode chegar a se identificar com o ideal Supremo da Virgem Mãe. (p. 21-26)

Note-se todo o enquadramento religioso da educação, e, conseqüentemente, também das humanidades e das ciências: a escola é anexa ao templo; as ciências são ministradas pelo sacerdócio; cada ano é referido a uma das sete divindades e o arcabouço geral é fornecido pelos sete primeiros sacramentos.

O enquadramento das ciências, além de na filosofia, também na religião, pode ser visto também na espécie de superação da ciência que Comte acabou propondo, ao afirmar a necessidade de subdividir o 3º estado em dois:

Em relação à principal parte de vossa memorável carta, devo principalmente esboçar a sistematização direta das reflexões gerais que vos indiquei precedentemente sobre a emancipação científica especialmente instituída, a partir do caso mais decisivo, embora sob um modo espontaneamente latente, no volume [a *Síntese subjetiva I*] que releis agora. É preciso ver tal libertação, como o complemento normal da evolução fundamental que caracteriza a lei dos três estados. O último estado deve ser, nesse sentido, decomposto em seus dois modos sucessivos, um científico, o outro filosófico, respectivamente analítico e sintético. É

somente ao segundo que pertence a qualificação de *definitivo*, inicialmente aplicada confusamente ao seu conjunto. No fundo a *ciência* propriamente dita é tão preliminar quanto a teologia e a metafísica, e deve ser finalmente igualmente eliminada pela religião universal, em relação à qual esses três preâmbulos são, um provisório, o outro, transitório e o último preparatório. Ouso mesmo recusar às ciências o atributo de plena positividade, que não consiste somente na *realidade* das especulações, mas na sua combinação contínua com a *utilidade*, sempre referida ao Grande-Ser e desde então não podendo jamais ser dignamente apreciada senão a partir da síntese total, isto é, subjetiva e relativa. Na construção final, o início teológico da preparação humana não tem menos eficácia do que seu término científico. Se esse último fornece os meios exteriores, o outro esboça as disposições interiores, compensando as ficções pela generalidade, cuja ausência interdita toda verdadeira racionalidade teórica.

Sob um aspecto mais sistemático, a primeira via se caracteriza, sobretudo, no indivíduo, como na espécie, pela vã pesquisa contínua de uma síntese essencialmente *objetiva*, enquanto que a segunda constrói e desenvolve a *síntese* puramente *subjetiva*, da qual a outra forneceu espontaneamente os materiais necessários. A ciência, mesmo depois de já ter sentido a inaniidade das *causas* e feito gradualmente as *leis* prevalecerem, ela aspira, tanto quanto a teologia e a metafísica, à objetividade completa, sonhando a universalidade de explicação exterior a partir de uma só lei, não menos absoluta que os deuses e as entidades, seguindo a utopia acadêmica. Nesse sentido devo estender, com simplicidade, uma palavra de minha última circular que prolonga essa repreensão até mim, em relação à minha obra fundamental, na qual, não fosse senão a esse título, a posteridade não verá, como já sei dizer nobremente, senão uma construção inicial, um trabalho de primeira vida, não tendendo para a segunda senão no volume final, todos os outros permanecendo mais ou menos submetidos ao prestígio científico, do qual só o estado plenamente religioso me libertou plenamente. (Carta a Audiffrent, 12/2/1857. In: *Correspondência VIII*, p. 400-401).

Vejamos também na Carta a Congreve, de 23/4/1857:

O prestígio científico entrava hoje a maior parte dos espíritos mais libertados do jugo teológico e mesmo metafísico. Essa emancipação final se tornou, contudo, tão indispensável quanto às duas precedentes à instalação da religião positiva, cujos principais adversários, sobretudo na França, vão, de mais em mais, apoiar-se sobre a ciência propriamente dita. Sem uma digna preparação teórica, única que pode superar esse último entrave, o novo sacerdócio não poderia instituir suficientemente a admirável sentença de Pope (*O estudo próprio do Homem é o Homem*), que formará a epígrafe especial de meu próximo volume, como ela inaugura o livro de Cabanis. (...). Uma verdadeira positividade não pode finalmente resultar senão de uma íntima combinação entre a realidade das especulações e sua utilidade, que não é plenamente julgável senão a partir de uma síntese completa, necessariamente subjetiva. Quem quer que tenha bem compreendido a lei dos três estados, deve sempre ver sua principal aplicação como naturalmente relativa à religião, que, tornada enfim positiva, dissipa a preponderância provisoriamente concedida a seus diversos preâmbulos científicos.¹⁶

Finalmente, essa mudança em Comte da primeira para a segunda posição, que obriga que escrevamos “Ensinar ciência e humanidades”, ou melhor, “Humanidades e ciência”, ao invés de “ciência(s) ou humanidades”, aparece explicitada em uma sua Carta a Richard Congreve, de 9/7/1857, menos de dois meses antes de falecer:

[...] a retificação dos preconceitos atuais sobre o mérito respectivo dos estudos literários e científicos. Da maneira como esses últimos são dirigidos hoje, eles merecem, tanto quanto os primeiros, a censura de desenvolver a funesta habilidade de expor o que não se compreende: dezenove anos de trabalho diário me provaram isso na famosa Escola politécnica. Sobre todo outro aspecto, os estudos literários são realmente superiores, excitando mais, embora vagamente, o espírito de conjunto, enquanto que a instrução matemática cultiva e consagra o espírito de detalhe, principal flagelo do século atual. O positivismo termina essa longa controvérsia situando, no estado normal, a poesia acima da filosofia, por ser mais próxima da religião, isto é, mais sintética e mais simpática. (*Correspondência VIII*, p. 519).

Apesar da “superação”, do enquadramento das ciências nas humanidades, para Comte isso não significa desvalorizar as ciências. Supera-as, supera a ciência, no sentido de que a filosofia científica avança e se torna mais do que científica, isto é, torna-se filosofia positiva, assim como a religião científica avança e se torna mais do que científica, isto é, torna-se religião positiva. Ser positivo implica ter sido antes científico; a positividade implica a científicidade. As próprias humanidades positivas são antes científicas.

De novo o próprio quadro da educação completa faz ver que o todo passou a ser visto como positivo e, também, conseqüentemente, como científico. E isso irreversivelmente. Vejamos. As mães, que cuidarão dos primeiros quatorze anos da educação dos filhos, afetiva durante a 1ª infância e estética durante a 2ª infância, deverão ter tido antes, na futura sociedade positiva, a educação enciclopédica, isto é, das sete ciências fundamentais¹⁷, que deverá ser ministrada aos filhos dos 14 aos 21 anos. E os filhos deverão chegar ao final da 2ª infância sabendo as cinco línguas européias principais (segundo Comte: francês, italiano, espanhol, inglês e alemão), a aritmética e a geometria básicas, isto é, o básico já da primeira ciência fundamental, a matemática¹⁸.

Durante a adolescência, isto é, dos 14 aos 21 anos, como já vimos, os educandos receberão a educação científica estrita, desde a matemática até a moral. Se durante a 1ª e a 2ª infâncias a educação será ministrada sob a autoridade materna em perspectiva científica, e se durante a adolescência os educandos recebem a educação científica sistemática, na juventude “[...] a cultura científica se liga intimamente ao aspecto matemático, astronômico, físico, químico ou biológico da indústria em que se atua ou ao serviço político ou educativo que se cumpre.” (Luis Lagarrigue, *Moral Práctica...*, p. 193). Portanto, o estudo científico estrito será da ou das ciências, ou de partes delas, referentes à atividade assumida.

Além dessa ciência aplicada, “Com relação à Ciência, pode-se reduzir a educação intelectual na juventude à leitura de ‘A Pluralidade dos Mundos’, de Fontenelle e dos ‘Elogios dos Sábios’, de Fontenelle e Condorcet.” (*Ibidem*, p. 202). Nas fases seguintes, isto é, da virilidade, maturidade e velhice, as obras da seção “Ciência” continuarão presentes:

Cada idade é apropriada à ordem de estudos e leituras que estejam de acordo com a situação social e moral de sua vida. Assim, se as obras de História podem ser repartidas entre a idade juvenil e a idade viril, as de Ciência e de Síntese devem ser distribuídas entre essas idades e a idade madura, que prepara as funções religiosas, próprias da velhice. (p. 202)

E estarão presentes já pelo fato de que os próprios educandos, por sua vez, terão filhos, os quais deverão receber, por seu turno, a perspectiva (filosofia e religião) científica, ou melhor, científico-positiva, ou simplesmente positiva e as próprias ciências:

O homem maduro renova seus estudos teóricos, para auxiliar a educação enciclopédica da Adolescência de seus filhos, com a colaboração afetiva da Mãe. (p. 25)

À idade madura corresponde renovar o estudo das ciências, para auxiliar a educação da adolescência dos filhos. (p. 202)

Enfim, os anciãos deverão ser suficientemente sábios e experimentados em relação aos afetos, à estética, à ciência, à atividade, à filosofia e à religião, de tal modo a ajudar na educação já dos filhos dos seus filhos:

Uma completa uniformidade de funções se estabelece então para todos os homens que se convertem, durante a velhice, em auxiliares domésticos da função espiritual do Sacerdócio. (Luis Lagarrigue, *Moral Práctica*, p. 22)

Assim a anciã e o ancião podem favorecer a educação afetiva da primeira Infância e a educação estética da segunda Infância dos netos e contribuir para a instituição do Culto pessoal deles.

Término normal da existência vital, a Velhice incorpora os homens nas funções da autoridade espiritual do Sacerdócio, como seus representantes domésticos.

Eximidos já das funções ativas, os anciãos exercem funções de juízo e de conselho, no seio da família, e a eles o Sacerdócio recorrerá para atuar em favor do aperfeiçoamento da vida privada. (p. 26)

3. CONCLUSÃO

Como vimos, Comte parte de uma posição que substitui (ou pelo menos complementa farta e abundantemente, por causa de sua fragilidade ou incompletude)

o ensino das humanidades correspondentes ao Antigo Regime, pelo ensino das ciências, e acaba enquadrando o ensino das ciências, sem desvalorizá-las, na educação geral, mas essa educação geral já em nova perspectiva, a perspectiva positiva. A ciência permanece, mas reenquadrada na perspectiva positivista.

4. REFERÊNCIAS

COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive**. Paris: Hermann, 1975. Leçons 1-45 [primitivos vols. I-III]. Abreviamos Curso.

_____. _____. Paris: Hermann, 1975. Leçons 46-60 [primitivos vols. IV-VI].

_____. **Système de politique positive ou Traité de sociologie** **Instituant la religion de l'humanité** [1851]. Tome premier Contenant le **Discours Préliminaire** [1848] et **l'Introduction fondamentale** [1849-1850]. Troisième éd. Paris: Imp. Moderne, 1890. Abreviamos Sistema.

_____. _____. Tome quatrième et dernier, Contenant le **Tableau synthétique de l'avenir humain**. Ce volume final est terminé para un Appendice Général, qui reproduit tous les opuscules primitifs de l'auteur sur la philosophie sociale [1854]. Troisième éd. Paris: Imp. Larousse, 1895.

_____. **Catéchisme positiviste ou Sommaire exposition de la religion universelle en onze entretiens systématiques entre une femme et un prêtre de l'humanité** [1852]. Chronologie, introduction et notes par P. Arnaud. Paris: Garnier-Flammarion, 1966. Abreviamos Catecismo positivista.

_____. **Catecismo positivista ou Sumária exposição da religião universal** [1852]. Trad. J. A. Giannotti e M. Lemos. SP: Nova cultural, 1988. Col. Pensadores. P. 63-264.

_____. **La synthèse subjective d'Auguste Comte ou Système universel des conceptions propres à l'état normal de l'humanité**. Tome premier (seul publié): **Système de logique positive ou Traité de philosophie mathématique** [1856]. Seconde éd. Paris: Fonds typographique de l'exécution testamentarie d'Auguste Comte, 1900. Abreviamos Síntese subjetiva I.

_____. **Correspondance générale et confessions**. Tome III (avril 1845 – avril 1846). Textes établis et présentés par P. E. de B. Carneiro et P. Arnaud. Paris / La Haye: Ehess / Mouton, 1977. Coll. Archives Positivistes. Abreviamos Correspondência.

_____. _____. Tome VIII (1855-57). Textes établis par P. E. de B. Carneiro et présentés par A. Kremer-Marietti. Paris: Ehess / Vrin, 1990. Coll. Archives Positivistes.

COSTA, João Cruz. **Augusto Comte e as origens do positivismo**. Origens da filosofia e da política de Augusto Comte. 2ª ed. rev. SP: Cia editora nacional, 1959.

GOUHIER, Henri. **La vie d'A. Comte**. Quatrième éd. Paris: Gallimard, 1931.

LAFFITTE, Pierre. **Cours de philosophie première**. Tome premier: Théorie générale de l'entendement. Paris: Émile Bouillon, 1889.

_____. _____. Tome deuxième: **Des lois universelles du monde**. Paris / Versailles: Société positiviste / Imp. Aubert, 1894.

LAGARRIGUE, Luis. **Moral teórica** – Bosquejo del Sistema de Moral Teórica, Proyectado por el Supremo Maestro Augusto Comte. Santiago de Chile: Fundación Juan Enrique Lagarrigue / Editorial Ercilla, 1943.

_____. **Moral práctica** – Bosquejo del Sistema de Moral Práctica O Tratado de educación universal, Proyectado por el Supremo Maestro Augusto Comte. Santiago de Chile: Fundación J. E. Lagarrigue / Imprenta universitaria, 1944.

_____. **Síntesis subjetiva o Sistema universal de las concepciones propias al estado normal de la humanidad**. Industria. Bosquejo del Sistema de industria proyectado por el supremo maestro Augusto Comte. Santiago de Chile: Fundación J. E. Lagarrigue, 1946.

TEIXEIRA MENDES, Raimundo. **Auguste Comte – Évolution originale**; Documents publiés jusqu'ici montrant la parfaite continuité de cette évolution sans pareille, malgré les troubles profonds dus à la funeste liaison avec Saint-Simon. Premier vol. (1798-1820). RJ: Apostolat positiviste du Brésil, 1913. Abreviamos Evolução original.

TISKI, Sergio. **Introdução à vida**: obras e pensamento de Comte. Arapongas – PR: digitado, 2009.

_____. **A questão da religião em Auguste Comte**. Londrina: Eduel, 2006.

_____. **A questão da moral em Augusto Comte**. Tese de doutorado. Unicamp. 2005.

NOTAS

¹ Professor do Deptº de Filosofia da UEL. Doutor em Filosofia pela Unicamp. Mestre em Filosofia pela PUC/SP. Especialista em Filosofia pela UEL. Graduado em Teologia pela PUG de Roma e Graduado em Filosofia pela PUC de Curitiba. E-mails: sertis@uel.br / sertis@bol.com.br.

² In: R. TEIXEIRA MENDES, *Evolução original*, p. 181-182. Outras referências a esse trecho ou à parte dele, podem ser vistas no nosso livro *A questão da religião em Auguste Comte*, por exemplo, nas p. 114, 118, 122 (referente nota 54), 130... Em todo este trabalho a tradução é sempre nossa.

3 “Não se viu que a política, e mesmo a ciência social toda inteira (isto é, a política e a moral), não é outra coisa senão um caso particular das ciências de aplicação.” (*Ibidem*, p. 108).

4 Augusto COMTE. Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: Augusto COMTE, *Sistema IV*, 1854, Apêndice, p. 120.

5 Augusto COMTE. Considerações filosóficas sobre as ciências e os sábios. In: *Sistema IV*, Apêndice, p. 149-150.

6 *Curso I*, 1830, p. 29. Transcrevemos os grifos dos próprios autores sempre em itálico.

7 Moral que, até então, apesar de ainda não constituir uma ciência distinta, e independentemente de ter parte do seu objeto incluído entre a biologia e a sociologia (moral em uma 1ª acepção), já era afirmada, por outra parte do seu objeto (2ª e 3ª acepções de moral), como devendo se tornar hegemônica em relação aos poderes espiritual ou teórico e material ou político e a tudo o mais na sociedade. Sobre as três acepções de moral em Comte, a saber, a moral como algo do ou no sujeito, como instinto moral (1ª), a moral como regra exterior ao sujeito (2ª) e a moral como amálgama entre as partes, desde dentro do homem, mas também entre eles (3ª), pode-se ver o nosso texto *A questão da moral em Augusto Comte* (podemos enviar cópia digital).

8 *A vida de Augusto Comte*, p. 190. Alusões de Comte a essa aproximação dele em relação às artes, podem ser vistas na Dedicatória a Clotilde de Vaux, de 4/10/1846: “Apenas você me permitiu, pois, desenvolver convenientemente essa reação do coração sobre o espírito tornada indispensável ao conjunto de minha missão! Sem tua doce ascendência, minha grande preparação filosófica, embora auxiliada pelas minhas predileções estéticas, não podia me tornar suficientemente familiar a verdadeira preponderância sistemática do amor universal, principal caráter definitivo do positivismo, do qual nenhum outro atributo auxiliará melhor o surgimento social.” (In: *Sistema I*, 1851, p. VII-VIII), na Carta para a Sra. Clotilde de Vaux, de 11/3/1846: “Essa evolução final [a conversão sentimental] me era ainda mais indispensável hoje do que foi, há oito anos, o desenvolvimento decisivo de todos os meus gostos estéticos.” (*Correspondência III*, p. 354) e na de 5/8/1845: “Embora nessa segunda e principal metade desse longo trabalho [o *Curso*], o ponto de vista social deveu permanecer sobretudo especulativo, e por conseqüência não pôde tender tão fortemente como hoje a desenvolver em mim as necessidades afetivas, entretanto, essa época forma realmente uma fase importante em tal história íntima de minha dupla existência. Seu principal resultado característico consistiu em uma viva excitação permanente de meu gosto natural pelas diversas belas-artes, sobretudo pela poesia e pela música, que recebeu então um notável aumento. Vós sentis logo a afinidade espontânea disso com uma tendência ulterior em direção a uma vida principalmente afetiva; ...” (p. 82-83).

9 *Curso III*, 1838, 45ª lição, escrita de 24 a 31/12/1837, p. 856-857. O que aparece entre colchetes é sempre explicitação nossa.

10 *Sistema IV*, Apêndice, p. 203-204. Enfim, sobre esses antecedentes da conversão sentimental ou moral em Comte, e também sobre o seu relativismo (e subjetivismo) como primeiro antecedente (a conversão comtiana ao relativismo ocorreu no fim de maio ou no começo de junho de 1817), pode-se ver no nosso livro *A questão da religião em Augusto Comte*, p. 192 ss.

11 A moral, já proposta como devendo ser hegemônica desde antes de se tornar uma ciência distinta, a ciência suprema, hegemônica, tem como objeto o sentimento (ou sentimentos, sete egocêntricos e três sociocêntricos, mas também, por extensão, as outras duas partes da interioridade, isto é, a inteligência, com suas cinco funções: contemplação concreta e abstrata, meditação indutiva e dedutiva, comunicação, e o caráter, com suas três funções: coragem, prudência, perseverança) e o homem individual, isto é, os indivíduos em geral, não cada homem individual, mas o homem no sentido do que todos os homens têm em comum (a “natureza humana”) e que constitui, ao mesmo tempo, a humanidade, sendo, portanto, também ela, objeto da moral, como constituindo um indivíduo. A moral, portanto, possibilita que Comte mantenha a continuidade da sua evolução (sobre isso se pode ver no nosso livro e na nossa tese). Em tempo: Comte só usou o termo “ética” duas vezes, e apenas como acróstico, para dois parágrafos da *Síntese subjetiva I*: uma na Introdução (o 27º parágrafo do fim para o começo, p. 68) e outra na Conclusão (o 39º parágrafo do fim para o começo, p. 748). A sua expressão “ciência moral” equivale às nossas expressões “ética” ou “filosofia moral” ou, ainda, “ciência moral”. Sobre a possibilidade de ver a ciência moral comtiana como antropologia ou psicologia, ver na nossa Tese, p. 112 e nota 215.

12 Ver em Augusto COMTE, Biblioteca do Proletário no século XIX [1ª edição 8/10/51], 2ª ed. melhorada, 4/9/1852. In: Idem, *Catecismo positivista*, Garnier-Flammarion, p. 51-55. Ver também na sua Biblioteca positivista no século XIX, 18/7/1854. In: Idem, *Sistema IV*, Apêndice, p. 557-561.

13 ... *Moral Práctica...*, p. 136-137. Apesar de escrever na Dedicatória que o seu trabalho é um “esboço imperfeito” (p. 7) do Sistema de Moral Prática ou Tratado sobre a Educação Universal, que Comte escreveria, como terceiro volume da sua Síntese Subjetiva, mas não pôde, por falecer antes, parece que Lagarrigue conseguiu ser bastante e ou suficientemente ortodoxo, segundo nossa leitura das indicações feitas por Comte. Em substituição, portanto, ao restante não escrito de sua Síntese Subjetiva, pode-se ler com proveito essa e as outras duas tentativas de preenchimento das lacunas feitas por Luis Lagarrigue (quanto à moral teórica, à moral prática e à ação) e também por Pierre Laffitte (quanto à filosofia primeira), conforme constam nas nossas Referências bibliográficas. Nessa citação e nas seguintes do Luis Lagarrigue, as iniciais maiúsculas de várias palavras (mulher, mãe, etc.) são do próprio autor.

14 Às vezes Comte fala só da Humanidade como divindade, por ela ser, segundo ele, o Ser Superior mais próximo do homem. Mas também desdobra a divindade em uma trindade: Grande Ser (Humanidade), Grande Fetiche (Terra) e Grande Meio (Espaço). E até em sete divindades, seguindo a escala setenal: “Vereis, desde a introdução [da *Síntese subjetiva I*], o Espaço, a Terra e a Humanidade constituírem o triunvirato religioso, no qual o Grande Meio se liga ao Grande Fetiche pelo céu e pelo duplo envoltório terrestre [água e ar], como o Grande Fetiche ao Grande Ser pela vegetalidade seguida da animalidade. Tais são os sete degraus da escala sagrada...” (Carta a Alfred Sabatier, 16/9/1856. In: *Correspondência VIII*, p. 302). Luis Lagarrigue, na sua ... *Moral Práctica ...*, fala Grande Meio, Céu, Fluido, Grande Fetiche, Vegetalidade, Animalidade e Grande ser.

15 Os nove sacramentos comtianos são os seguintes: Apresentação (logo após o nascimento), iniciação (aos 14 anos), admissão (aos 21), destinação (aos 28), matrimônio (dos 28 aos 35; para as mulheres, dos 21 aos 28), maturidade (aos 42), retiro (aos 63), transformação (logo após a morte) e incorporação (sete anos após a morte).

16 *Ib.*, p. 445-446. Nos últimos meses de vida Comte falou também de emancipação em relação à medicina, como 4ª tutela provisória. Ver, por exemplo, na Carta a Hadery, de 18/8/1857.

17 “Tendo generalizado a educação enciclopédica das ciências matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e Moral (*sic!*) a todas as Mães, elas serão as melhores mestras e as únicas dignas de dirigir a verdadeira educação fundamental da natureza humana.” (Luis Lagarrigue, ... *Moral Práctica...*, p. 51).

18 Ao final do 14º ano de vida “O cultivo das condições corporais de sensibilidade e movimento se ligou às aptidões de expressão estética e de ação prática e se adquiriu o conhecimento dos sinais aritméticos e das cinco línguas ocidentais.” (*Ibidem*, p. 98).

Recebido em: 26/05/2009.

Aprovado para publicação em: 19/08/2009.